EDIÇÃO DE MARÇO DE 2025

NÚMERO XLIII

Cumanana

BOLETIM VIRTUAL DA CULTURA PERUANA PARA A ÁFRICA

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES DO PERU

A RECENTE ELEIÇÃO DO PRESIDENTE DA COMISSÃO DA UNIÃO AFRICANA: IMPORTÂNCIA, DESAFIOS E PRIORIDADES
SEGUNDO SECRETÁRIO JOHAN RÍOS RIVAS
OTÁVIA MARIE BURKE
PÁG. 2

ECOS COMPARTILHADOS: UMA CONEXÃO VIVA ENTRE O PERU E A ÁFRICA
PATRÍCIA CARRASCO MEJÍA
PÁG. 5

RECEITA
ZIGHINÌ, O ENSOPADO DE CARNE ETÍOPE
PÁG. 9

A RECENTE ELEIÇÃO DO PRESIDENTE DA COMISSÃO DA UNIÃO AFRICANA: IMPORTÂNCIA, DESAFIOS E PRIORIDADES

Segundo Secretário Johan Ríos Rivas
Otávia Marie Burke

A recente eleição do Presidente da Comissão da União Africana (CUA) representa um momento crucial para o futuro do continente. Esta posição é fundamental para liderar a implementação de estratégias que promovam a estabilidade, o crescimento econômico e a unidade entre os países africanos. Em um cenário de conflitos persistentes, crises econômicas e desafios de governança, a eleição do novo presidente da CUA pode definir o curso para a integração africana nos próximos anos.

O que é a União Africana?

A União Africana (UA) é uma organização composta pelos 55 Estados africanos, cujo objetivo é promover a unidade e a solidariedade entre os países africanos, promover a integração política e econômica intrarregional e promover a paz, a segurança e a estabilidade no continente. Foi fundada em 26 de maio de 2001 em Adis Abeba, Etiópia, e lançada em 9 de julho de 2002 em Durban, África do Sul.

Nasceu, por exemplo, o Acordo de Livre Comércio Africano (AfCFTA), que permite o comércio entre países africanos; além disso, em 2014, a UA lidou com casos de Ebola enviando ajuda médica e especialistas para locais infectados na África Ocidental. Atualmente, a UA tem colaborado na resolução de conflitos, como no Sudão, na Somália e na República Democrática do Congo (RDC).

Estrutura da União Africana

A UA é governada por vários órgãos principais, incluindo:

- A Assembleia da UA: composta pelos chefes de Estado e de Governo dos Estados-Membros, é o órgão supremo de tomada de decisões.

- O Conselho Executivo: formado pelos Ministros dos Negócios Estrangeiros ou por autoridades designadas pelos governos dos Estados-Membros, é responsável pela coordenação e definição de políticas em áreas de interesse comum.

- A Comissão da UA: atua como o secretariado da UA e é responsável pela implementação das decisões da Assembleia e do Conselho Executivo.

- Parlamento Pan-Africano: órgão legislativo que busca assegurar a participação dos povos africanos nos processos de governança e desenvolvimento do continente.

CONCLUI A 8ª SEMANA PEDIR
Fonte: https://au-pida.org

O papel da Comissão da União Africana (CUA)

A Comissão da União Africana (CUA) é um dos órgãos da UA que estabelece um equilíbrio de poderes na organização. É liderada por um presidente, um vice-presidente e oito comissários, que supervisionam diversas áreas temáticas. O trabalho de cada comissário é garantir que cada Estado cumpra as normas e políticas da organização em áreas-chave para a integração e o desenvolvimento do continente, como paz e segurança, missões de manutenção da paz e combate ao terrorismo, comércio e indústria, ciência, tecnologia e inovação, saúde e desenvolvimento social, segurança alimentar, desenvolvimento agrícola e adaptação às mudanças climáticas, entre outras.

Eleição do novo Presidente da Comissão da União Africana (CUA)

Na 38.ª Sessão Ordinária da Assembleia da UA, realizada de 15 a 16 de fevereiro de 2025, em Adis Abeba, os líderes africanos elegeram o Ministro dos Negócios Estrangeiros do Djibuti, Mahmoud Ali Youssouf, como novo Presidente da CUA. O ministro Youssouf obteve os 33 votos necessários para suceder o chadiano Moussa Faki Mahamat, que esteve à frente da CUA por dois mandatos consecutivos desde 2017. Na mesma sessão, a argelina Selma Malika Haddadi foi eleita vice-presidente da CUA, fortalecendo a representação do Norte da África no órgão.

MAHMOUD ALI YOUSSOUF - PRESIDENTE DA COMISSÃO DA UNIÃO AFRICANA
Fonte: https://au.int/

Desafios e prioridades da CUA

O novo presidente da CUA enfrenta diversos desafios e oportunidades em seu mandato:

- Paz e segurança: apesar dos avanços, várias regiões da África continuam a enfrentar conflitos armados e ameaças à segurança, incluindo crises no Sudão, no Sahel e na RDC. A CUA deve fortalecer os mecanismos de prevenção e resolução de conflitos, além de promover a estabilidade política nos países afetados.

- Promoção da democracia e governança: UA suspendeu países como Mali, Burkina Faso, Níger, Guiné, Gabão e Sudão devido a golpes de Estado e mudanças inconstitucionais de governo. Um dos principais desafios será equilibrar a defesa dos princípios democráticos com o diálogo construtivo, a fim de facilitar o retorno desses países à ordem constitucional.

ÁFRICA E EUROPA
Fonte: https://www.southworld.net

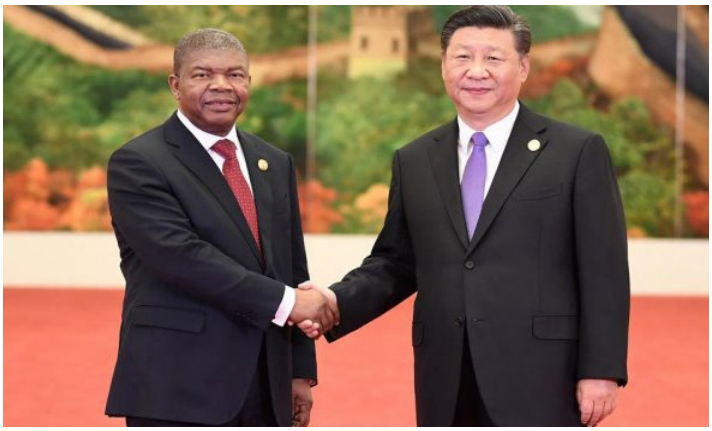
▪ Integração econômica: a implementação eficaz da AfCFTA é crucial. Esse acordo, que visa criar um mercado único de bens e serviços em África, tem o potencial de transformar as economias do continente, impulsionando o comércio intra-africano e atraindo investimentos. Embora tenham sido feitos progressos, desafios como a falta de infraestrutura adequada, a diversidade monetária e a desconfiança entre os Estados-Membros persistem.

▪ Desenvolvimento sustentável: a Agenda 2063 da UA estabelece uma visão para o desenvolvimento socioeconômico do continente. A nova liderança precisará impulsionar iniciativas para enfrentar a pobreza, o desemprego juvenil e a precariedade da infraestrutura, alinhando-se aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas.

▪ Resposta às mudanças climáticas: a África é particularmente vulnerável aos impactos das mudanças climáticas. A CUA precisará coordenar esforços para mitigar esses efeitos e promover práticas sustentáveis em setores-chave, como agricultura e energia.

▪ Fortalecimento institucional: melhorar a eficiência e a transparência das instituições da UA é essencial para garantir uma governança eficaz e fortalecer a confiança dos cidadãos africanos no órgão.

▪ Relações internacionais e alianças estratégicas: a África continua a ser um ponto de interesse para potências globais como China, Estados Unidos e União Europeia. A China tem fortalecido seus laços com o continente por meio de investimentos e cooperação em diversos setores. A UA precisará gerenciar essas relações para garantir que as parcerias sejam equitativas e contribuam para o desenvolvimento sustentável das nações africanas.



PRESIDENTES JOÃO LOURENÇO E XI JINPING
Fonte: https://www.freepik.es

Em conclusão, acreditamos que a eleição de Mahmoud Ali Youssouf como presidente da CUA marca o início de uma nova era, repleta de oportunidades para enfrentar desafios persistentes e emergentes no continente. Sua liderança será fundamental para fortalecer a segurança regional, promover a integração econômica, defender os princípios democráticos e assegurar que a África ocupe uma posição de destaque no cenário internacional.

Referências

African Union. (2000). Constitutive Act of the African Union. https://au.int/sites/default/files/pages/34873-file-constitutiveact_en.pdf

African Union. (2015). Agenda 2063: The Africa we want. African Union Commission. https://au.int/sites/default/files/documents/36204-doc-agenda2063_popular_version_en.pdf

Adejumobi, S. (2017). The African Union and new strategies for development in Africa. Routledge.

Murithi, T. (2005). The African Union: Pan-Africanism, peacebuilding and development. Ashgate.

ECOS COMPARTILHADOS: UMA CONEXÃO VIVA ENTRE O PERU E A ÁFRICA

Patricia Carrasco Mejía

DIA MUNDIAL DA CULTURA AFRICANA E DAS PESSOAS DE ASCENDÊNCIA AFRICANA
Fonte: Travelnoire.com

Akwaba!, uma palavra originária do povo Akan, cujos membros habitam principalmente o sul de Gana, o leste da Costa do Marfim, a Libéria e partes do Togo, significa mais do que um simples cumprimento de boas-vindas; ela incorpora um senso de conexão, hospitalidade e reconhecimento mútuo entre aqueles que chegam e aqueles que recebem. Em várias sociedades africanas, o ato de dar as boas-vindas não é um mero formalismo, mas um ritual que abre espaço para o intercâmbio cultural e o fortalecimento dos laços comunitários. Assim, akwaba expressa uma cordialidade que, historicamente, os povos africanos têm usado para receber visitantes e migrantes, estabelecendo redes que transcendem o tempo e a geografia. Da mesma forma, no Peru, expressões como "bem-vindo" ou "entre, sinta-se em casa" refletem um costume na qual a hospitalidade é essencial, especialmente nas comunidades andinas e afro-peruanas, onde a chegada de um visitante é celebrada com gestos de generosidade e respeito.

Essa mesma hospitalidade e senso de comunidade ressoam na União Africana, uma organização que conseguiu integrar os 55 Estados do continente, buscando benefícios mútuos sob um ideal de unidade e cooperação. Além de seus objetivos políticos e econômicos, a UA representa um espaço onde as identidades culturais se encontram, se enriquecem e se projetam para o mundo. Sob essa ótica, o akwaba não reflete somente a recepção de indivíduos, mas também a acolhida de ideias, expressões e manifestações culturais que continuam a moldar a identidade da África no século XXI.

Este artigo tem como foco relatar um pouco das inúmeras riquezas presentes nas expressões culturais e artísticas dos povos africanos e do Peru, destacando uma profunda herança de ritmos e tradições que, embora distantes geograficamente, compartilham surpreendentes semelhanças. Da música e da dança às festividades e outras manifestações tradicionais, a influência africana deixou uma marca profunda no Peru, especialmente nas regiões com maior presença afrodescendente. A análise dessas semelhanças reflete laços profundos entre ambas as regiões, fundamentados na resistência, na celebração e na identidade.

Essa conexão se reflete nos sons que pulsaram em sua cultura, sendo a música uma ponte inquebrantável entre ambos os territórios. Durante séculos, o ritmo serviu como um veículo de identidade e resistência para as comunidades afrodescendentes. Nesse vasto universo musical, o cajón peruano ressoa com uma cadência inconfundível. Sua origem remonta ao período colonial, quando os escravizados, proibidos de usar seus tambores ancestrais, transformaram simples caixas de madeira em instrumentos carregados de história e expressão, tornando-os o centro rítmico de gêneros como o festejo e o landó. Dessa forma, permitiram que os descendentes de africanos preservassem sua identidade e transmitissem suas raízes por meio da música. Sua versatilidade e ressonância levaram o cajón a palcos internacionais, tornando-o um emblema da música afro-peruana.

A mais de 7.000 quilômetros de distância, o djembe ocupa um lugar semelhante na tradição musical da África Ocidental. Originário do antigo Império Mandinga, em países como Mali, Guiné e Senegal, esse tambor de forma cônica e membrana de pele tem sido, durante séculos, o eixo central de cerimônias, celebrações e narrativas orais. Sua ressonância intensa e vibrante simboliza a conexão com a terra e o espírito coletivo, estabelecendo diálogos musicais que transcendem fronteiras. Assim como o cajón peruano, o djembe não é apenas um instrumento, mas um símbolo de herança viva e resistência cultural, cujo ritmo continua influenciando a identidade daqueles que o tocam e escutam.

BATERISTA DE DJEMBE AFRICANO
Fonte: www.uibk.ac.at

Essa continuidade de ritmos e tradições também se manifesta nas expressões visuais. No Peru e na África, as máscaras e a dança têm servido como veículos de narração, resistência e espiritualidade, conectando as comunidades com seus ancestrais e com o sagrado por meio de representações vibrantes, repletas de simbolismo. Em Burkina Faso, o Festival Internacional de Máscaras e Artes de Dédougou (FESTIMA) é uma celebração na qual as máscaras entalhadas em madeira, adornadas com cores vivas e desenhos geométricos, ganham destaque, evidenciando sua forte carga espiritual. Durante o festival, as máscaras emergem em procissões ao ritmo de tambores e cânticos, enquanto os dançarinos canalizam a presença dos ancestrais e dos espíritos protetores da comunidade, simbolizando a luta entre o bem e o mal, a fertilidade da terra e a conexão com o divino.

Na costa peruana, o Son de los Diablos exibe uma teatralidade semelhante. De origem afro-peruana e com raízes nas festividades coloniais, essa dança de máscaras representa a dualidade entre a ordem e o caos por meio de figuras demoníacas que, com saltos enérgicos e passos acrobáticos, invadem as ruas ao ritmo do cajón e da quijada. Suas máscaras apresentam expressões exageradas e cores intensas, evocando o legado das danças africanas preservadas pelos afrodescendentes após a escravidão e adaptadas às festividades de Lima. Tradicionalmente, era dançada no centro histórico de Lima durante as celebrações do Corpus Christi e do Natal; com o tempo, integrou-se a regiões como Chincha e Cañete, onde a herança afro-peruana continua viva. Assim como o FESTIMA, o Son de los Diablos é uma representação viva do legado cultural, na qual a dança e o disfarce transcendem o aspecto estético para se tornarem um canal de história, identidade e resistência.

Sua origem remonta ao século XVIII, quando os cimarrões vindos da Jamaica, criaram uma música que combinava ritmos africanos com influências europeias. Com o tempo, o gumbé se consolidou na África Ocidental como um gênero de percussão vibrante e comunitário que, atualmente, permanece como uma expressão viva de resistência e orgulho.

A JÓIA CULTURAL DO BURKINA FASO
Fonte: www.ccincagarcilaso.gob.pe/actividades/por-las-esquinas-del-barrio/

Assim como as máscaras e a percussão têm sido veículos de memória e identidade, a dança desempenhou um papel fundamental na transmissão histórica e cultural, expressando resistência e celebração em ambas as regiões. Na África, o gumbé é um gênero musical com raízes na diáspora africana e uma forte presença em países como Guiné-Bissau e Serra Leoa.

O SOM DOS DEMÓNIOS
Fonte: Chiclayo Que Rico

A grandes distâncias, o festejo peruano emerge como sua contraparte rítmica. Esse gênero afroperuano, nascido nas fazendas do período colonial, preserva a pulsação da percussão africana por meio do cajón peruano, das palmas e da voz. Suas letras evocam o espírito de celebração e resistência da comunidade afroperuana. O festejo alcançou palcos internacionais, consolidando-se como um emblema do legado afroperuano. Assim como o gumbé, o festejo representa uma manifestação de identidade e memória, em que cada batida do cajón e cada zapateo ressoam com a história de um povo que transformou o sofrimento em arte e a resistência em ritmo.

Da mesma forma, os festivais servem como palcos de memória e reafirmação cultural nas comunidades afrodescendentes. Em Gana, o PANAFEST (Pan-African Historical Theatre Festival) é um evento que, desde 1992, reúne pessoas de toda a diáspora africana para celebrar suas raízes e refletir sobre sua história de luta e resistência. Esse festival, realizado em cidades como Cape Coast e Elmina, inclui apresentações teatrais, conferências e rituais nos antigos castelos escravistas, de onde milhares de africanos foram embarcados para a América. Mais que um festival, o PANAFEST é um ato de reconexão coletiva, no qual a diáspora retorna ao continente em busca de identidade e reconhecimento.

Deve-se notar que o festival não seria possível sem o apoio dos governos africanos e, em particular, da União Africana. A organização patrocina este festival cultural e fornece apoio logístico e visibilidade internacional, garantindo que este evento único transcenda fronteiras e fortaleça o senso de identidade e unidade entre as nações africanas. Seu envolvimento reflete a transcendência do patrimônio imaterial e a relevância de manter vivas as tradições herdadas.

DIA MUNDIAL DA CULTURA AFRICANA E DAS PESSOAS DE ASCENDÊNCIA AFRICANA
Fonte: www.ohchr.org

No Peru, o Dia da Cultura Afroperuana, celebrado em 4 de junho, cumpre uma função semelhante. Desde sua criação, em 2006, em homenagem ao grande poeta Nicomedes Santa Cruz, essa data é uma oportunidade para dar visibilidade às contribuições da comunidade afroperuana dança e poesia, com apresentações de festejo, recitação de décimas e

exposições gastronômicas. Assim como o PANAFEST, essa celebração busca destacar a riqueza cultural afrodescendente e reivindicar os direitos e a história de um povo.

Nessa mesma linha, o Dia da Amizade Peruano-Africana, celebrado em 19 de outubro, cumpre um propósito semelhante. Instituído em 1986, após a morte do presidente e líder de Moçambique, Samora Machel, essa celebração valoriza a significativa conexão entre o Peru e a África. Nesse contexto, são organizados encontros acadêmicos, eventos protocolares e atividades culturais com a participação do Ministério das Relações Exteriores, embaixadas africanas acreditadas no Peru e representantes da comunidade afroperuana.

Nesse contexto, o governo do Peru reafirma seu firme compromisso com a visibilidade, preservação e valorização de nossa herança africana, possibilitando a comemoração anual dessa efeméride por meio de diversas atividades. Consequentemente, em 2025, o Ministério de Relações Exteriores do Peru realizará a décima sexta edição do Dia da Amizade Peruano-Africana, como parte da agenda prevista pela Plataforma Peru na África, iniciativa que também inclui a publicação mensal do Boletim Cultural Cumanana, uma revista dedicada à difusão dos laços entre o Peru e os países africanos, que agora chega à sua quadragésima segunda edição.

Por fim, a conexão entre o Peru e a região africana se manifesta em expressões e identidades culturais que transcendem a distância e o tempo, desde a música e a dança até a oralidade e as festividades. Por meio de instrumentos como o cajón peruano e o djembe, e ritmos como o festejo e o gumbé, é evidente um vínculo vivo entre as duas regiões, marcado pela resistência, identidade e memória. Isso reflete o legado afrodescendente no Peru e a riqueza de um intercâmbio cultural que continua a evoluir e fortalecer os laços entre os povos unidos pela história e pela criatividade.

DIA DA AMIZADE PERUANO-AFRICANA
Fonte: Arquivo histórico do MRE

DIA DA AMIZADE PERUANO-AFRICANA
Fonte: Arquivo histórico do MRE

RECEITA ZIGHINÌ, O ENSOPADO DE CARNE ETÍOPE

A culinária etíope é uma fusão de todas as tradições gastronômicas dos diversos povos e culturas do país. O Zighinì é um dos pratos mais emblemáticos da Etiópia, consistindo em um ensopado de carne temperado, acompanhado de leguminosas e vegetais.

INGREDIENTES:

- 800 gr. de alcatra bovina
- 4 cebolas roxas
- 1 dente de alho
- 3 colheres de sopa de berberé (mistura de especiarias)
- 100 gr. de manteiga
- 400 gr. de tomate pelado
- 4 vagens de cardamomo
- Gengibre em pó
- Óleo
- Sal

PREPARAÇÃO:

Corte a vitela em cubos de 3 cm de cada lado. Descasque as cebolas, corte-as em rodelas finas e pique o alho.

Abra as vagens de cardamomo e esmague as sementes em um pilão e pilão até que se transformem em pó.

Aqueça uma panela de fundo grosso, acrescente a cebola e o alho e doure com 6 colheres de sopa de óleo por 7-8 minutos, até que a cebola comece a dourar. Adicione o berberé. Adicione a manteiga picada e os cubos de carne e deixe dourar por 5 minutos.

Adicione os tomates pelados picados e um copo de água quente. Misture bem, tempere com sal e adicione o cardamomo em pó e uma pitada de gengibre. Cozinhe em fogo baixo, com a panela tampada, por cerca de uma hora, adicionando mais água quente, se necessário. O molho deve ficar bem espesso.

Sirva quente com pão injera.

DESCARREGAR O BOLETIM EM: gob.pe

SIGA-NOS NAS REDES SOCIAIS